

EDITORIAL

Bíblia: singularidade escriturística e função pedagógica

A nossa principal intenção com este pequeno texto não é defender aqui a ideia de que as Escrituras são revelação fundamental de Deus aos homens, embora qualquer cristão a veja por tal prima.

Também não se pretende sublinhar o facto de que os seus textos não pretendem assumir-se como tratados científicos ou históricos, apesar de conterem registos históricos e elementos científicos. BOERMA (2021)¹ diz: “Ler a Bíblia como qualquer outro livro — na medida em que este é um exercício legítimo — não significa que o sentido literal ou histórico seja um dado estritamente objetivo, à espera de ser descoberto por meios científicos.”

De igual modo não se tenta comprovar a sua evidente pluralidade de autores, épocas, culturas, geografias e civilizações, ou a sua imensa variedade de estilos literários, o que faz da Bíblia uma riquíssima biblioteca onde a diversidade curiosamente não compromete a unidade.

Nem sequer vamos aludir à sua evidente grandeza enquanto património cultural da humanidade, pois não há ninguém devidamente informado que conteste tal estatuto com seriedade e boa-fé. Apenas referenciar a sua singularidade, assim como os aspectos pedagógicos que nela podemos observar ao longo das suas páginas.

¹ BOERMA, Hans (2021). Diferente de qualquer outro livro. <https://www.firstthings.com/web-exclusives/2021/08/unlike-any-other-book?fbclid=IwAR0VpvUPBGySKVPR3BKmXims4raJO3EBOtjKB3Imje5S-Zq7T3k10nq9DvQ> (acedido em 10/1/23).

Bíblia e educação

As Escrituras incorporam uma função pedagógica geral, não só como livro sagrado, e por isso os rapazes judeus aprendiam a ler na Bíblia hebraica (o Antigo Testamento da Bíblia cristã), mas sobretudo enquanto filosofia de vida. Veja-se a riqueza da literatura sapiencial, em particular da autoria do rei Salomão. Mas não só. Porventura a sua função primordial será a de natureza *pedagógica-espiritual*, tal como S. Paulo faz questão de sugerir ao seu jovem discípulo Timóteo:

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido,
E que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.
Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça;
Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.”²

Mas também podemos dizer que os textos bíblicos cumprem muitas vezes uma função que podemos denominar como *pedagogia das emoções*. O Livro dos Salmos, uma espécie de cancionero nacional do Antigo Israel, será porventura o exemplo mais eloquente dessa vertente. Os poemas que o integram reflectem as vicissitudes mais diferenciadas da alma humana, pelo que qualquer leitor se poderá identificar com as emoções descritas, mas com a vantagem de, enquanto pano de fundo, podermos sentir a presença divina em todas as situações, daí que cumpram um propósito de testemunho de vida, partilha e fé.

Desafortunadamente perderam-se as melodias destes poemas musicados e cantados, visto que a notação musical apenas veio a ser fixada e praticada muitos séculos mais tarde e obviamente não existiam registos sonoros dessas

² 2 Timóteo 3:14-17.

canções. Mas, por outro lado, torna-se evidente a vantagem e a oportunidade da criação musical contemporânea no “vestir” destes poemas.

Podemos ainda sublinhar uma outra função bíblica que muitos têm dificuldade em compreender. Chamemos-lhe a *pedagogia do erro*. Quando observamos a biografia de inúmeras figuras bíblicas de ambos os testamentos, rapidamente se conclui que os textos não são de carácter hagiográfico ou apologético, pois registam as imprudências, erros e mesmo os crimes por elas cometidos. Todavia muitas dessas pessoas vieram a ocupar um lugar importante na história da Salvação ou já o ocupavam no momento em que sucumbiram às suas fraquezas.

Daqui se conclui que as Escrituras funcionam como um mapa que assinala os bons caminhos, ou “veredas da justiça” no dizer de David (Salmo 23:3), mas também os precipícios, pântanos e maus caminhos (“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus *maus caminhos*, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra” - 2 Crônicas 7:14), pelo que poderão ajudar qualquer um a prevenir eventuais experiências negativas nos caminhos da vida.

Este número da AD AETERNUM é dedicado à temática geral “Religião e Educação”, pelo que apresenta um conjunto de artigos com focos distintos como uma referência à *Didáctica Magna* de Comenius, onde se sugere que aquele autor preconizava a substituição da religião pela educação; um outro texto aborda a importância estrutural da educação em matéria de direitos humanos no ensino; e outro dedica-se a sublinhar a relevância actual do estudo e da educação em Ciências da Religião.

A edição conta ainda com um trabalho sobre o Renascimento Carismático Católico, com uma investigação sobre os textos bíblicos antigos, e um interessante ensaio sobre a temática das categorias dos denominados “sem igreja”, “sem religião” e “quase-religiosos” no Brasil contemporâneo.

Completam este número artigos sobre a importância do diálogo na construção da paz, mas também a sua relevância na mediação das diferenças, assim como um artigo sobre Joseph de Maistre (1753-1821), um texto que refere a actual crise da mediação do sagrado na fé cristã, depois de um breve histórico, e um pequeno ensaio sobre o fenómeno do amor.

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

José Brissos-Lino